

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
GRADUAÇÃO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ALEX MACHADO DE OLIVEIRA JUNIOR

**PANDEMIA DO CORONAVÍRUS E OS ESTADOS UNIDOS: Uma análise dos
Estados Unidos no enfrentamento à pandemia da COVID-19**

UBERLÂNDIA,
2022

ALEX MACHADO DE OLIVEIRA JÚNIOR

**PANDEMIA DO CORONAVÍRUS E OS ESTADOS UNIDOS: Uma análise dos
Estados Unidos no enfrentamento à pandemia da COVID-19**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Relações Internacionais da Universidade
federal de Uberlândia como pré-requisito para a
obtenção do Título de Bacharel em Relações
Internacionais

Orientador: Filipe Almeida do Prado Mendonça

UBERLÂNDIA,
2022

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. CORONAVÍRUS E O SISTEMA INTERNACIONAL NO SÉCULO XXI.....	9
1.1. Ciclos hegemônicos e o pós-guerra fria	9
1.2. As principais crises da economia internacional pós-guerra fria	10
1.3. Ameaça chinesa à hegemonia estadunidense	11
1.4. A chegada do “vírus chinês”	12
2. COORDENAÇÃO DA PANDEMIA NA GESTÃO TRUMP	15
2.1. Dos primeiros casos de contaminação pelo coronavírus à pandemia	15
2.2. A relação entre Trump e as Organizações Internacionais.....	16
2.3. A relação entre Trump e a China	17
2.4. O Negacionismo, as <i>Fake News</i> e a <i>necropolítica</i>	19
2.5. De Donald Trump a Joe Biden.....	21
3. COORDENAÇÃO DA PANDEMIA DURANTE A GESTÃO BIDEN	23
3.1. Diferenças e similaridades a respeito de ambos os governos.....	23
3.2. Campanha de vacinação contra os movimentos negacionistas e antivacinas	27
3.3. Ressignificação dos vínculos com as Organizações Internacionais.....	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
4.1. Prospecções para a reversão dos quadros prejudiciais herdados da gestão de Donald Trump	29
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	34

RESUMO

O presente estudo trata das medidas de contenção à pandemia do novo coronavírus tomadas pelo então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e suas consequências socioeconômicas para a América e o mundo, em especial pela ameaça à hegemonia estadunidense pelos países emergentes. Serão tratados os potenciais fatores motivacionais por trás das decisões da política trumpista durante a pandemia de COVID-19 tal como o histórico da relação entre Estados Unidos e China e seus desdobramentos. Será aberta uma investigação a respeito da necropolítica implantada pelo político republicano no ano de 2020 com a finalidade de compreender sua aplicação no caso. Por fim, será realizada uma comparação da gestão de Trump sobre a pandemia com a de seu sucessor, Joe Biden nos primeiros meses de mandato.

Palavras-Chave: Estados Unidos; China; Trump; pandemia;

ABSTRACT

The present study deals with the measures to contain the new coronavirus pandemic taken by the then President of the United States, Donald Trump, and its socioeconomic consequences for America and the world, especially the threat to US hegemony by the emerging countries. Potential motivating factors behind Trump's policy decisions during the COVID-19 pandemic will be addressed, as well as the history of the US-China relationship and its developments. An investigation will be opened regarding the necropolitics implemented by the republican politician in the year 2020 in order to understand its application in the case. Finally, a comparison will be made of Trump's management of the pandemic with that of his successor, Joe Biden in the first months of his term.

Keywords: United States; China; Trump; pandemics;

INTRODUÇÃO

A eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos no ano de 2017 significou mudanças inéditas na liderança da principal hegemonia econômica desde a queda do sistema internacional bipolar, de forma que apresentava um panorama em que apontava uma tendência de isolamento do país para o mundo. A ideologia de “*America First*”¹ adotada na América do Norte, em especial pelos republicanos, demonstrava uma gama de especificidades no trumpismo, de forma que os Estados Unidos sinalizaram o abandono de discussões de extrema importância para o mundo em momentos críticos em que a sua participação seria fundamental, via do exemplo, a sua retirada do Acordo de Paris e as constantes ameaças do então presidente estadunidense sobre a possibilidade de saída da Organização Mundial da Saúde em plena condição de pandemia global.

Com a declaração de pandemia de COVID-19 feito pela OMS em março do ano de 2020, medidas sanitárias de higiene e segurança são recomendadas seguidas de instruções aos chefes de Estados nacionais. Este estudo busca compreender a relação de Trump e Biden para com as recomendações da Organização Mundial da Saúde, assim como as razões por trás das especulações provenientes de medicamentos sem eficácia comprovada, e a recusa a adoção do movimento “Fica em Casa” pelo ex-presidente republicano, assim como a utilização da desinformação pela disseminação de *fake news* como estratégia para obtenção de apoio popular. Neste estudo, serão abordadas as medidas adotadas pelo ex-presidente Donald Trump na condução da pandemia, assim como suas motivações políticas e seus resultados no curto e longo prazo.

Será dado como fator importante a relação do governo federal dos Estados Unidos para com a China, especialmente aos fatores de relevância para o tema, tais quanto as alegações de que a o coronavírus teria sido criado propositalmente em um laboratório de Wuhan com a intenção de abalar a economia internacional e adquirir supostas vantagens econômicas próprias, e como consequência as estratégias adotadas por Trump para incentivar a não-adesão à campanha de vacinação da população recomendada pela Organização Mundial da Saúde.

Outros pontos relevantes abordados neste estudo, serão as políticas de incentivo a tratamentos alternativos intitulados como “tratamento precoce”, que consiste na

¹Expressão utilizada por Trump para determinar a política de isolamento dos Estados Unidos em relação ao resto do mundo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40131127>

propaganda de medicação sem eficácia comprovada, causando na população uma sensação de falsa segurança e conseqüentemente o abandono das medidas de prevenção recomendadas pela OMS, a manutenção do funcionamento normal do comércio, apesar de decisões específicas tomadas por governadores de alguns estados específicos de maioria democrata e a discussão a respeito da obrigatoriedade da utilização de máscaras protetoras como medida de segurança para a prevenção de infecções por vetores humanos. Serão questionadas as razões pelas quais Trump e seus seguidores optaram pelo caminho do negacionismo, de que forma estas escolhas baseadas em pragmatismo ideológico trariam benefícios consideráveis para o chefe de estado em detrimento da possibilidade de massacre da própria população estadunidense, e se de fato, estes objetivos traçados por estas escolhas políticas foram alcançadas.

Ainda no ano de 2020, em meio à pandemia, Donald Trump anuncia formalmente a saída dos Estados Unidos da Organização Mundial da Saúde. Neste sentido, este estudo apontará as razões por trás do contexto desta decisão em relação ao tópico sob análise, os resultados deixados para seu sucessor e o encaminhamento de Joe Biden na intenção de retornar à organização internacional.

Ademais, também serão analisados os principais desafios para seu sucessor, Joe Biden, na reestruturação econômica dos Estados Unidos e de seus aliados políticos e comerciais, e na recuperação dos prejuízos sociais provocados pelo trumpismo nos Estados Unidos e no mundo, de forma que será necessário planejar de que forma deverão ser realizadas as políticas para redução de danos à imagem do país dos pontos de vista econômicos e sociais. Neste sentido, a campanha pela vacinação iniciada nos primeiros meses de governo de Biden será utilizada como exemplo destas ações de recuperação da reputação estadunidense, além de ser uma forma de propaganda da diplomacia e do compromisso dos Estados Unidos para com o resto do mundo. Da mesma forma, o anúncio de que com a nova gestão, os Estados Unidos retornariam à Organização Mundial da Saúde aponta uma rara alteração na direção em que segue a política externa dos Estados Unidos na condição de transição de governo, mesmo se tratando objetivamente de uma mudança brusca, partindo de um republicano com características de direita radical, para um democrata.

1. CORONAVÍRUS E O SISTEMA INTERNACIONAL NO SÉCULO XXI

1.1. Ciclos hegemônicos e o pós-guerra fria

Os ciclos hegemônicos são períodos históricos caracterizados pela existência de uma ou mais potências centrais, que possui seu início e fim definido por um evento determinante, como o caso do Império Romano e mais a frente a Inglaterra antes da Primeira Guerra Mundial. A caracterização de uma hegemonia é determinada pelas ciências sociais, segundo Carvalho e Senhoras (2020) como uma junção de fatores que proporcionam poder ao seu detentor, que podem ser determinadas por fatores como influências culturais, ideológicas e econômicas. Alguns pontos importantes diferenciam as hegemonias anteriores às duas guerras mundiais do que se observa no modelo de globalização contemporâneo, entre eles, se destaca a economia internacional contemporânea e suas peculiaridades que serão exploradas neste estudo. (ARRIGHI, 2010)

A razão pelo enfoque na economia internacional contemporânea está no status dos Estados Unidos no período que sucedeu o Tratado de Bretton Woods, quando o horizonte que já apontava um futuro triunfal para os Estados Unidos, em especial no que se trata de seu poder econômico, e veio a reforçar ainda mais o papel dado ao dólar americano para a economia global. A proposição é de que desde o século XV existiram três ciclos hegemônicos anteriores que precederam o ciclo atual, que foram eles: (i) Ciclo Genovês (pré-capitalismo mercantil), (ii) Império íbero-holandês (mercantilismo e capitalismo de troca), Ciclo Inglês (industrialismo e capitalismo de troca), e por fim o atual Ciclo Americano (capitalismo financeiro e de oligopólios), o que determina o valor da acumulação para a detenção do poder hegemônico. Ao considerar que os três primeiros ciclos se encerraram com base em conflitos políticos, guerras e dinâmicas econômicas tais como fontes de financiamento e inovações produtivas, é possível prospectar o temor dos Estados Unidos em relação às ameaças de cada momento, uma vez que a tendência é que os ciclos se fechem ao que se inicia um novo. (CARVALHO; SENHORAS, 2020)

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, o cenário internacional contava não com uma, mas com duas hegemonias centrais que dividiam o planeta em dois grandes blocos, o Bloco Ocidental, com Estados Unidos e o Bloco Oriental, com a União Soviética. Na academia, este período é definido como mundo bipolar, e teve seu fim marcado pela

dissolução da União Soviética, uma vez que este evento simbolizava a conquista estadunidense da hegemonia global. No entanto, não apenas o fim da URSS decretaria o novo cenário internacional, mas também a internacionalização da economia e a nova forma de capitalismo. A partir da queda do bloco soviético, o equilíbrio do sistema internacional é abalado, tornando a economia global centrada nos Estados Unidos. No século XXI, este fator ainda é concreto, no entanto, a ascensão de países emergentes provocam alertas à liderança dos estadunidenses, desta forma, a formulação de novos inimigos acontece à sombra do temor dos norte-americanos de a ascensão destes países, em especial a da China, representem ameaças ao ciclo hegemônico dos Estados Unidos, nos setores (i) econômico, pois o crescimento da economia chinesa é significativa nos últimos anos, inclusive durante a pandemia, (ii) ideológico, devido ao aumento dos investimentos asiáticos em cinema, televisão e música e por fim (iii) militar, mesmo que a China e os países asiáticos ainda não representem ameaças potenciais à segurança nacional dos Estados Unidos, existe uma tendência de crescimento nos investimentos destes países para os setores militares e de defesa. (MANZI, 2018; DORNELLES JUNIOR, 2014)

1.2. As principais crises da economia internacional pós-guerra fria

O período posterior à Guerra Fria foi marcado por grandes crises econômicas, tal como a crise do petróleo na década de 1970 que produziu um impacto gigantesco não apenas na economia interna dos Estados Unidos, mas no mundo capitalista como um todo. Além disso, na década posteriores, o ciclo hegemônico é ameaçado pela emergência de novas potências no setor de produção tecnológica, tais como Japão e Alemanha. A resposta do governo norte americano foi a adoção de políticas protecionistas no sentido de uma agenda que privilegiasse os interesses dos Estados Unidos sobre os do resto do mundo.

O 11 de setembro é representativo quando se trata de uma brecha no poder hegemônico absoluto dos Estados Unidos no século XXI, uma vez que logo no primeiro ano do século, uma ameaça externa, caracterizada pelo alheio ao ideal americano, em forma de ameaça terrorista vêm a tornar concreto o que a maior potência econômica do mundo teria de enfrentar pela frente, além disso, foi um dos principais abalos para o Estado dos EUA enquanto hegemonia absoluta. O atentado às torres gêmeas acarretou no

investimento crescente nos setores militares e de segurança nacional, tal como políticas mais protecionistas e a quebra da agenda multilateral para uma mais conservadora que situa os Estados Unidos como prioridade nacional.

O mesmo acontece em 2008 quando ocorre a crise do setor imobiliário e chega a colocar em xeque a hegemonia econômica dos norte-americanos, uma vez que a China já é uma economia destacada internacionalmente pelo seu acelerado crescimento anual do PIB, o que torna icônico o temor ocidental de que a China logo se tornaria a maior potência econômica global, desbancando os Estados Unidos. Segundo Pecequilo (2012), o ano de 2008 foi a marca simbólica que representa a ascensão da China como potência internacional. A crise econômica levou os Estados Unidos, durante a administração Obama, a transferência de títulos de dívida para as nações emergentes, com destaque a China como maior detentora de títulos estadunidenses. Portanto, mesmo com a desaceleração da economia em escala global resultante da crise de 2008, as economias emergentes sofreram menos, em comparação aos Estados Unidos e Europa Ocidental. (Pecequilo, 2012)

A crise do setor imobiliário, assim como as demais crises gerou uma tendência ao protecionismo tradicional americano, que quase uma década depois pode ter sido uma das principais razões para a chegada de Donald Trump à Casa Branca.

1.3. Ameaça chinesa à hegemonia estadunidense

Desde os anos 1970 já é possível antecipar a capacidade de crescimento econômico presente em países emergentes, e muito particularmente o caso da China, que se tornaria logo no início do novo milênio a maior ameaça potencial para os Estados Unidos, e que se tornaria o inimigo do *American Way of Life*, passando a se tornar, em especial para os Republicanos, o que representaria algo semelhante ao que foi a União Soviética durante a Guerra Fria. Existe desde então uma relação contraditória onde, a China se posiciona em um patamar mais aberto à economia internacional, e os Estados Unidos, por sua vez procuram uma posição de “engajamento mesclado de políticas de contenção”, que é denominada por Pecequilo (2012) de “contenção-engajamento”, se referindo a este complexo. Já na década de 1990, no contexto da globalização presente no período posterior à Guerra Fria, ocorre uma relação (embora contraditória) de co-dependência entre as duas nações, uma vez que os norte-americanos são os principais

consumidores de produtos chineses, e os asiáticos os maiores detentores de títulos federais dos Estados Unidos. (PIRES; MATTOS, 2016)

A descrição chinesa de “socialismo de mercado” é uma definição questionável, uma vez que abre espaço para apontamentos da contradição dentro do próprio termo em especial à posição dos Estados Unidos no contexto global. Estas especificidades do Estado chinês demonstram também o contraste do planejamento econômico entre os países, uma vez que ambos se expandem de formas antagônicas, visto que os Estados Unidos buscam englobar uma grande influência sobre determinados espaços territoriais (incluindo na Ásia), e a China se isola do resto do mundo em muitos aspectos o que justifica o rótulo de socialismo. (PIRES; MATTOS, 2016)

O autor estadunidense Kissinger² (2012) aponta em sua obra a inevitabilidade da existência de um sistema multipolar provocado pelo fim da Guerra Fria, uma vez que ocorre a emergência de novas prováveis potências, em especial a China.

“De todas as grandes potências, a China é a que mais cresce. [...] A China, no entanto, com taxas de crescimento econômico que chegam a 10% em um ano, um forte sentido de coesão nacional e uma força militar cada vez mais musculosa, terá o maior crescimento relativo entre as potências.

(Kissinger, 2012, p.780)

Pires e Mattos (2016) apontam a complexidade da disputa pela influência no território Ásia-Pacífico, uma vez que a China possui grande influência sobre essas regiões. Essas regiões são de extrema importância para a manutenção da hegemonia dos Estados Unidos. Por isso, se justifica a tensão frequente envolvendo regiões no mar do sul da China, com exemplo Taiwan e Vietnã.

1.4. A chegada do “*vírus chinês*”

Com a chegada do coronavírus na segunda metade de 2019, e a exportação da COVID-19 no início de 2020, muitos rumores surgiram acerca da origem da doença, uma vez que os primeiros casos teriam sido registrados em território Chinês. Desta forma, a incerteza a respeito do advento desta nova infecção viral culminou na criação de fake News que atribuiriam ao Partido Comunista Chinês a culpa pela criação do vírus em

² Henry Kissinger foi assessor de segurança nacional, e posteriormente secretário de Estado. Kissinger têm contribuições referencias na temática de diplomacia sino-americana.

laboratório, alegando que, a estratégia chinesa por trás da propagação de uma pandemia global de COVID-19 seria justificada pela estagnação econômica ocidental provocada pelas políticas de isolamento social e quarentena, enquanto a economia chinesa mantinha o próprio crescimento, como aconteceu de fato. O então presidente americano Donald Trump utilizou sua plataforma política para propagar tais notícias falsas e convencer seus eleitores e simpatizantes a desacreditar na pandemia, ao mesmo tempo que criava um sentimento americano de ódio aos chineses. (LUCKHURST, 2020)

Segundo o documentário *The Full Story of Trump and COVID-19* (2020), do jornal eletrônico NowThis, a pandemia de coronavírus poderia ter sido tratada de uma forma completamente diferente, uma vez que é afirmado que os Estados Unidos já conheciam outras variações do coronavírus, e possui um plano de ação contra esse tipo de ameaça.

“The Trump administration would like us to believe that was unexpected, like a natural disaster or surprise attack, but that’s not the truth. [...] we know that it spread person to person and we know that they (coronavirus) can be contagious, so the idea that it came from nowhere is really nonsense. We do have a pandemic plan for the U.S [...]” (NowThis, 2020)

A crise do novo coronavírus trouxe consigo consequências importantes que podem impactar diretamente na dinâmica do Ciclo Americano, uma vez que repercute em instabilidades políticas e econômicas importantes a nível nacional e internacional. Como exemplo temos o caso especial das políticas de isolamento social, que acarretariam possíveis crises tanto políticas quanto econômicas, abrindo espaço para dualidade e incertezas para os Estados entre priorizar a economia ou a segurança da população. As alternativas desenhadas são: (i) ignorar a pandemia ao custo da saúde pública, o que no curto prazo mantém a máquina produtiva funcionando, mas não se conhecia as consequências reais de uma infecção em massa por um vírus potencialmente mortal, e (ii) prezar pela segurança da população e determinar as políticas de isolamento social, que poderiam acarretar uma nova crise econômica global. (CARVALHO; SENHORAS, 2020)

Deste ponto, é compreensível de forma estratégica a dualidade existente na maioria dos países durante a pandemia, ora que até o momento da transição de governos, os Estados Unidos eram o líder absoluto em número de mortes por COVID-19, e cobertos de movimentos que negavam a existência da pandemia e a importância das medidas de

combate às infecções pelo vírus, à luz do então presidente Donald Trump e seus copartidários.

“Certainly, this new crisis will enter to the history of economic thought as one with a strong magnitude in terms of the dynamics of the international relations and of environmental nature and its serious recessive impact in multidimensional terms not yet fully identified. It also looks like that the impact of the COVID-10 pandemic would be structural once it seems to persist for decades and causes a deep global economic depression with asymmetrical effects.” (CARVALHO; SENHORAS, 2020)

Como já previsto por Carvalho e Senhoras (2020) no trecho citado anteriormente, a crise trouxe significativos impactos no curto prazo, começando logo no ano de 2019, quando as políticas de saúde pública da China, antes mesmo do decreto da OMS, como a baixa produção e exportação de commodities com origem no país asiático. Ao ponto que se conhece a dependência global persistente aos produtos chineses, é compreensível que os primeiros impactos para a economia internacional já poderiam ser sentidos meses antes da pandemia de fato. A ausência de produtos chineses afeta a logística produtiva da maioria dos países do mundo e como consequência surge uma série de desembaraços para o comércio exterior e interior dos Estados Unidos. (OCDE, 2020)

O momento da chegada da pandemia foi importante devido ao avanço tecnológico presente (vide o tempo para a produção de vacinas e estudos sobre o comportamento das variantes), no entanto, abre as portas para uma necessidade de cooperação entre os estados nacionais, especialmente por dois motivos principais. O primeiro deles é (i) os insumos médicos e hospitalares tanto para tratamento quanto para prevenção são limitados pelo aumento exacerbado de casos da doença em relação à procura, portanto é necessário que haja cooperação no sentido de tornar o comércio destes produtos mais justo para o bem coletivo. Em segundo lugar é (ii) o processo do próprio comércio internacional, visto que para que haja o comércio de bens essenciais durante a pandemia, é necessário que haja alinhamento nas políticas nacionais, afinal, os recursos provenientes do comércio precisam adentrar a barreira internacional ainda que em emergência em que se promove uma redução importação de produtos originários de países com alto risco de contaminação. Por diversas vezes navios e aviões ficaram estagnados na fronteira de determinado país por motivos de segurança, o que atrasava a chegada de insumos hospitalares e de higiene. (CARVALHO; SENHORAS, 2020)

2. COORDENAÇÃO DA PANDEMIA NA GESTÃO TRUMP

2.1. Dos primeiros casos de contaminação pelo coronavírus à pandemia

Em março do ano de 2020, a Organização Mundial da Saúde, sob a direção geral do etíope Tedros Adhanom, decreta a pandemia de COVID-19 e remete ao mundo as novas recomendações de segurança para a prevenção de infecções com a doença, que deveriam ter como partida a conscientização dos povos dos países membros da organização, e principalmente, dos chefes de estado e representantes políticos destas nações. Alguns dos pontos fundamentais para a proporção trágica na qual a pandemia levou o mundo é a disseminação de *fake news*, a ascensão de movimentos negacionistas à ciência, e interesses políticos por parte de líderes globais. Desta forma, a incerteza a respeito do advento desta nova infecção viral culminou na criação de *fake news* que atribuiriam ao Partido Comunista Chinês a culpa pela criação do vírus em laboratório, alegando que, a estratégia chinesa por trás da propagação de uma pandemia global de COVID-19 seria justificada pela estagnação econômica ocidental provocada pelas políticas de isolamento social e quarentena, enquanto a economia chinesa mantinha o próprio crescimento, como aconteceu de fato. O então presidente americano Donald Trump utilizou sua plataforma política para propagar tais notícias falsas e convencer seus eleitores e simpatizantes a desacreditar na pandemia, ao mesmo tempo que criava um sentimento americano de ódio aos chineses.



Figura 1 - <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/trump-se-diz-confiante-de-que-covid-19-pode-ter-surgido-em-laboratorio-chines/>

Em maio de 2020, Donald Trump declarou ter feito uso de medicamentos preventivos para a COVID-19, segundo a CNN Brasil (2020)³. O tratamento precoce⁴ foi defendido como alternativa às medidas sanitárias e utilizada como forma de menosprezar os efeitos da doença. A *Figura 7* demonstra a crescente procura pelos medicamentos presentes no Kit Covid nos primeiros meses de 2020 em comparação aos períodos anteriores, o que aponta que a declaração de Donald Trump teve influência na decisão popular pela opção pelo tratamento precoce. As *Figuras 5 e Figura 6* apresentam também a similaridade comparativa da adesão dos medicamentos recomendados pelos republicanos nas regiões em que Trump possuiu a maioria de eleitores na campanha de 2016.

2.2. A relação entre Trump e as Organizações Internacionais

A eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos no ano de 2017 significou mudanças inéditas na liderança da principal hegemonia econômica desde a queda do sistema internacional bipolar, de forma que apresentava um panorama em que apontava uma tendência de isolamento do país para o mundo. A ideologia de “*America First*”⁵ adotada na América do Norte, em especial pelos republicanos, demonstrava uma gama de especificidades no trumpismo, de forma que os Estados Unidos sinalizaram o abandono de discussões de extrema importância para o mundo em momentos críticos em que a sua participação seria fundamental, via do exemplo, a sua retirada do Acordo de Paris e as constantes ameaças do então presidente estadunidense sobre a possibilidade de saída da Organização Mundial da Saúde em plena condição de pandemia global.

Ainda no ano de 2020, em meio à pandemia, Donald Trump anuncia formalmente a saída dos Estados Unidos da Organização Mundial da Saúde. Neste sentido, este estudo apontará as razões por trás do contexto desta decisão em relação ao tópico sob análise, os resultados deixados para seu sucessor e o encaminhamento de Joe Biden na intenção de retornar à organização internacional.

³ Após tomar hidroxiquina para prevenção, Trump é diagnosticado com COVID-19. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/apos-tomar-hidroxiquina-para-prevencao-trump-e-diagnosticado-com-covid-19/>

⁴ Tratamento experimental de eficácia negada, composto por cloroquina, hidroxiquina, ivermectina, azitromicina e nitazoxanida. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=460794>

⁵ Expressão utilizada por Trump para determinar a política de isolamento dos Estados Unidos em relação ao resto do mundo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-40131127>

“Nós detalhamos as reformas que [a OMS] deve fazer e tratamos com eles diretamente, mas eles se recusaram a agir. Como eles falharam em fazer as necessárias e pedidas reformas, hoje vamos encerrar nosso relacionamento com a Organização Mundial de Saúde, e redirecionar esses fundos para outras necessidades globais urgentes de saúde pública⁶” (CNN Brasil, 2020)

A retirada os Estados Unidos destas Organizações internacionais apontam para uma política adotada por Trump em que se permite tomar decisões de forma simplificada ao evitar a burocracia pertinentes aos regimentos internos destes organismos. Desta forma, a implementação dos interesses domésticos do Estado americano prevalece sobre as agendas multilaterais. (RUTLEDGE, 2020)

2.3. A relação entre Trump e a China

A questão de rivalidade entre China e Estados Unidos se torna mais evidente quando surge os movimentos ultraconservadores, podendo enfatizar todo o período da campanha eleitoral de Donald Trump para presidente, que teve entre os principais pilares, a disputa de mercado com a China.

Ainda considerando a questão de que Trump supostamente acreditava na criação proposital do SARS-Cov-2 em laboratório como ameaça química, no dia 30 de abril de 2020, o presidente convoca uma reunião em Washington com a presença de membros de agências nacionais com o intuito de estudar possíveis medidas retaliativas à China. (Washington Post, 2020)

“President Trump has fumed to aides and others in recent days about China, blaming the country for withholding information about the virus, and has discussed enacting dramatic measures that would probably lead to retaliation by Beijing⁷” (STEIN et al, 2020)

De acordo com o G1 (2020) é citado que o então presidente dos Estados Unidos alega que houve omissão de informações relevantes a respeito da epidemia do coronavírus na China, e em contrapartida, o porta voz asiático Liu-He acusa os Estados Unidos de

⁶Discurso de Trump sobre rompimento com a OMS. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/trump-anuncia-rompimento-com-a-oms-em-meio-a-pandemia-de-covid-19/>

⁷ U.S. Officials Crafting retaliatory actions against China over coronavirus as president Trump fumes. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/business/2020/04/30/trump-china-coronavirus-retaliation/>

ataque hacker às centrais de inteligência Chinesa, uma vez que informações exclusivas foram vazadas para benefício dos estadunidenses⁸.

Em três de dezembro de 2020, o então Diretor de Inteligência Nacional dos Estados Unidos, John Ratcliffe declara ao Wall Street Journal que a ameaça chinesa representava naquele momento a maior ameaça aos Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial, neste sentido, Ratcliffe defende uma união bipartidária para combater os verdadeiros inimigos asiáticos, o que por outro lado, também justifica as retaliações impostas à China⁹.

“Esta geração será julgada por sua resposta ao esforço da China para remodelar o mundo à sua própria imagem e substituir os Estados Unidos como a superpotência dominante. Os serviços de inteligência são claros a esse respeito. Nossa resposta também deve ser” (RATCLIFFE, 2020)

Estes fatores rebuscam um histórico de conturbações diplomáticas, políticas e econômicas entre Donald Trump e a China, a exemplo disso é possível compreender o acontecimento de 2018, quando a Organização Mundial do Comércio (OMS) destaca a irregularidade na tributação americana a cerca de 238 bilhões de dólares americanos em bens chineses¹⁰. (CNN, 2020)

O avanço tecnológico presente em países como Japão e Alemanha desde a década de 1980 é significativo para os Estados Unidos, uma vez que existe de fato uma competição direta no desenvolvimento de vários aspectos no campo das ciências, no entanto, o papel da China, que aparece como fonte promissora nos campos de desenvolvimento tecnológico por volta da década de 2010 representa uma ameaça maior, visto que existe uma diversidade política, ideológica e econômica entre os países, além de ser o país com maior abundância de mão de obra, neste sentido, a resposta chinesa à pandemia poderia ocorrer de forma mais rápida e eficaz do que a Americana, provocando uma estabilidade na dinâmica do ciclo hegemônico. Essa dinâmica tem um *preview* no ano anterior com a crise da Huawei, quando o presidente Trump proíbe a fabricante de

⁸ Trump ameaça romper laços com a China e fala que economizaria bilhões. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/14/covid-19-trump-ameaca-romper-lacos-com-a-china-e-fala-que-economizaria-bilhoes.ghtml>

⁹ China é maior ameaça aos Estados Unidos desde a Segunda Guerra. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/inteligencia-de-trump-china-e-a-maior-ameaca-aos-eua-desde-a-segunda-guerra/>

¹⁰ Tarifas de Trump contra a China violam regras do comércio global, diz OMC. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/tarifas-de-trump-contra-a-china-violam-regras-do-comercio-global-diz-omc/>

produtos tecnológicos de operar em território estadunidense. Além disto, a crise do 5G provoca uma espécie de *déjà vu* para aqueles que recordam da corrida espacial. O desenvolvimento tecnológico chinês ao ser colocado à prova durante a pandemia, confirmou os temores da Casa Branca das últimas décadas de que o país oriental é de fato a maior ameaça para o ciclo hegemônico quando se considera a capacidade de se produzir milhares hospitais improvisados ao redor do país em um prazo surpreendentemente curto, assim com o desenvolvimento de ferramentas online para rastreamento e mapeamento da situação da epidemia local em tempo recorde, e a produção da primeira vacina de prevenção contra a infecção pelo coronavírus no mundo, demonstrando em dados palpáveis a capacidade do oriente de se reparar com maior rapidez e eficácia de uma crise a nível internacional do que o ocidente. (CARVALHO, SENHORAS, 2020)

Apesar de toda a tragédia, terror e incertezas, a chegada do “vírus chinês” trouxe ao mundo uma nova perspectiva nos meios de produção em geral. Novas ferramentas foram desenvolvidas e adaptadas para a nova realidade. O comércio eletrônico e expediente de trabalho virtual revolucionaram de certa forma as dinâmicas produtivas e as relações sociais.

2.4. O Negacionismo, as *Fake News* e a *necropolítica*

Durante seu mandato presidencial, Donald Trump se manifestou contrário às recomendações da Organização Mundial da Saúde, uma vez que as políticas de isolamento social poderiam afetar a produtividade econômica dos Estados Unidos. Desta forma, o presidente com certa frequência fez declarações no sentido de questionar a seriedade da pandemia¹¹ da COVID-19, ao incentivar a população a circular normalmente e até mesmo contestar a necessidade da utilização do uso de máscaras preventivas. Embora o presidente não seja declaradamente parte do movimento anti-vacinação, grande parte do seu eleitorado se recusou a tomar as vacinas contra a doença, e até chegaram receber o presidente com vaias quando este declarou que havia completado o ciclo vacinal¹². (CNN Brasil)

¹¹Paz C. “All of Trump’s lies about the coronavirus”. Atlantic 9 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2020/04/trumps-lies-about-coronavirus/608647/>

¹² Trump é vaiado nos Estados Unidos após defender vacinação contra COVID-19. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/trump-e-vaiado-nos-estados-unidos-apos-defender-vacinacao-contracovid-19/>

As medidas adotadas na China, como expansão da produtividade (ou importação) de EPIs para os trabalhadores da área da saúde, tal como ampliação da capacidade hospitalar já demonstravam sua eficácia, no entanto, o presidente Trump não utilizou nenhuma dessas medidas, além de não ter criado uma facilidade de comunicação entre os governos estaduais e o governo federal, e de fato, ter criado tensões com alguns estados mais progressistas. (YAMEY, 2020)

Em Bitterncourt (2020) se propõe que existe uma tendência intrínseca ao sistema capitalista de que o bem-estar social é colocado como segundo plano e o a economia dos mais ricos é colocado como prioridade. Esta não seria, ainda segundo o autor, uma característica necessariamente daqueles indivíduos que se encontram na elite, mas puramente do próprio sistema capitalista. Desta forma, o trabalhador capitalista se submete a situações que apresentam riscos ao seu bem-estar, sua saúde e sua vida.

“(...) a produção não pode parar e assim os trabalhadores devem candidamente se expor aos riscos da contaminação viral para que a riqueza não deixe de fluir para as contas bancárias das elites. Canalhas endinheirados que fogem dos riscos da pandemia encastelados em suas mansões hermeticamente protegidas, mas que percebem os seus empregados como animais que somente são valiosos quando estão ao seu serviço.
(BITTENCOURT, 2020)

A contribuição de Bittencourt (2020) trás consigo a proposição de que os anseios capitalistas, em especial dos ultraliberais, representam uma ameaça aos mais pobres. Trazendo para o contexto global, é notório que a relação dos Estados Unidos enquanto hegemonia global, exerce um papel opressor em relação ao resto do mundo, em especial às economias mais fracas. As decisões tomadas por Trump durante a pandemia reflete diretamente na sociedade internacional, e em especial durante a pandemia, provocou um número assustador de mortes ao redor do globo.

A definição de *necropolítica* proposta por Mbembe (2018) se adequa às decisões administrativas tomadas por Donald Trump e seus políticos aliados pelo mundo, como Boris Johnson ¹³e Jair Bolsonaro¹⁴. Neste sentido, é possível elucidar uma interpretação

¹³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57263411>

¹⁴ “O governo federal lançou campanha publicitária nas redes sociais com a hashtag “O Brasil não pode parar”, em 26/03/2020. O vídeo disseminado pelo Planalto reforçava mensagens pregadas pelo presidente Jair Bolsonaro, que critica a paralisia da economia em nome do isolamento social para prevenção à COVID-19; destaca o baixo índice de fatalidade dos pacientes jovens infectados pela COVID-19 e incentiva os brasileiros a retornarem às suas rotinas. Contudo a peça publicitária teve repercussão negativa e foi suspensa pela justiça.” (MARANHÃO, 2020, p. 6)

de que a necropolítica foi adotada pelo governo Trump nas seguintes medidas adotadas: (i) relutância contra as medidas de *lockdown* adotadas por alguns estados, (ii) críticas ao uso de máscaras protetoras faciais, (iii) utilização do kit-covid mesmo sob o risco de complicações pela utilização indiscriminada de medicação sem eficácia comprovada pela comunidade científica¹⁵. Como resultado, os Estados Unidos até junho de 2022 foi o país com maior número de mortes pelo coronavírus, conforme o *Gráfico 1*, representando uma taxa de mortalidade 66,63% maior do que o segundo colocado. Em relação às mortes proporcionais à taxa habitacional, os Estados Unidos se encontravam em junho de 2022 com uma taxa de 2.378 mortes para cada um milhão de habitantes, enquanto a China se encontrava em 153º lugar no ranking mundial, com uma taxa de 3 mortes para cada milhão de habitantes, segundo Our World in Data (2022).

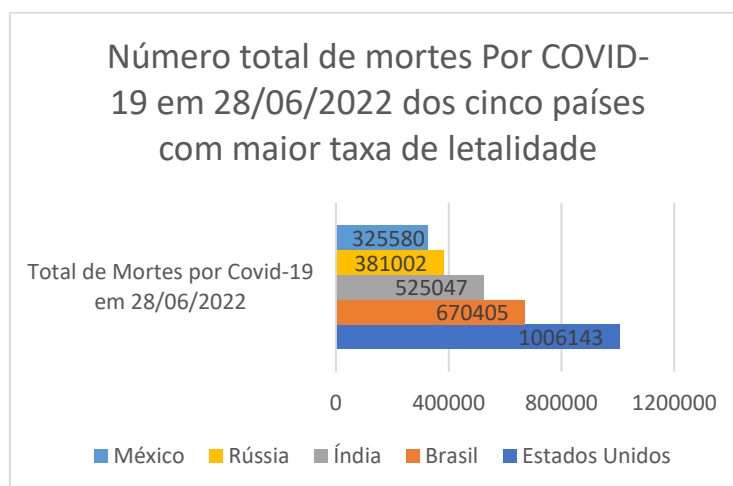


Gráfico 1 -Elaborado pelo autor. Fonte: OMS (2022)

Em Yamei (2020) é apresentado que os cidadãos americanos temiam que Trump não representaria algum tipo de apoio à sociedade estadunidense contra o vírus, deixando os seus cidadãos contrerrâneos “sozinhos contra o vírus”¹⁶.

2.5. De Donald Trump a Joe Biden

“Eu não uso máscaras como ele [Joe Biden]. Sempre que o vemos, está a usar uma máscara. Ele podia estar a falar a 60 metros de distância de alguém e

¹⁵ Chefes de UTIS relacionam ‘kit covid’ a maior risco de mortes no Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56457562>

¹⁶ Kapczynski A, Gonsalves G. Alone against the virus. Boston Review 2020 Mar 13. <http://bostonreview.net/class-inequality-science-nature/amy-kapczynski-gregg-gonsalvesalone-against-virus>

continuará a usar a maior máscara que já vi.” (TRUMP, Debate presidencial – 29 de setembro)

Pesquisas indicam que os estados com maioria republicana (acima de 60% do eleitorado) têm uma menor adesão às campanhas de vacinação, logo, maior taxa de mortalidade pelo novo coronavírus¹⁷. (MORNING CONSULT, 2022)

Apenas após a eleição de Joe Biden, o partido republicano passou a apoiar as campanhas de vacinação. Um exemplo valioso da brusca mudança de estratégia política, foi o governador da Flórida, Ron DeSantis, que fez campanha contra o alarmismo e as medidas de segurança recomendadas pela OMS, e utilizou de produtos publicitários customizados para ridicularizar o uso de máscaras¹⁸ no começo da pandemia, e atualmente defende que “vacinas salvam vidas”. Próximo à eleição, Trump também passou a adotar a estratégia republicana de defender a vacinação, no entanto, o sucesso da campanha pela vacinação já havia sido comprometido pelas declarações anteriores.

Após o discurso da cerimônia de posse de Joe Biden em 20 de janeiro de 2021, a Casa Branca declara a reversão da decisão da saída da OMS e Acordo de Paris como uns dos primeiros atos do democrata como presidente¹⁹. Essa mudança radical desenha a dualidade política existente nos Estados Unidos e a intensidade dos últimos anos. A criação do Plano de Preparação (*Preparedness Plan*) pela Casa Branca foi uma resposta imediata da administração Biden sobre má condução da pandemia pelo ex-presidente, e consiste em pontos importantes para os novos rumos que o Estado americano tomou, desta forma, o novo plano consistia em quatro pilares fundamentais que são: (i) proteção e tratamento da COVID-19, (ii) preparação para novas variantes, (iii) prevenção do fechamento econômico e escolar e por último (iv) continuação da vacinação mundial. Para o primeiro pilar, o governo americano disponibilizou uma quantidade significativa de vacinas para a população, até mesmo uma quantidade que excedia a previsão inicial

¹⁷ Nos EUA, regiões republicanas têm mais mortes por COVID-19 do que as democratas, aponta levantamento. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/11/08/nos-eua-regioes-republicanas-tem-mais-mortes-por-covid-19-do-que-as-democratas-aponta-levantamento.ghtml>

¹⁸ Republicanos mudam de postura e começam a apoiar a vacinação dos Estados Unidos. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/republicanos-mudam-de-postura-e-comecam-a-apoiar-a-vacinacao-nos-estados-unidos/>

¹⁹ Biden reverte decisão de Trump de deixar a OMS: ‘crucial na pandemia’. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/em-carta-biden-reverte-decisao-de-trump-de-deixar-oms-crucial-na-pandemia/>

de duas doses por pessoa (ou uma, no caso de vacinas de dose única). A produção e aquisição de insumos para o tratamento dos infectados também aumentou com o Plano de Preparação, a estimativa da Casa Branca foi de que de janeiro a dezembro de 2021, mais de um milhão de vidas foram salvas devido à estas iniciativas. Houve também a distribuição de mais de 480 milhões testes caseiros gratuitos como prevenção da contaminação. Para o segundo pilar, o plano aponta que houve uma expansão tecnológica na base de dados do surgimento de novas variantes em todos os 50 estados e Porto Rico. Para o terceiro pilar, o plano aponta que foram encaminhados 130 bilhões de dólares para que as escolas mantenham as recomendações de segurança e higiene, o que é apontado pela Casa Branca como razão para a criação de 6.6 milhões de novos empregos, e consequentemente, um crescimento econômico de 5,7% no ano de 2021. No último pilar, é apontado a doação de milhões de doses de vacina excedentes para países com atraso vacinal. (THE WHITE HOUSE, 2021)

3. COORDENAÇÃO DA PANDEMIA DURANTE A GESTÃO BIDEN

3.1. Diferenças e similaridades a respeito de ambos os governos

Com a vitória da campanha presidencial de Joe Biden no ano de 2021, a expectativa era de que mudanças significativas em relação ao enfrentamento da pandemia surgiriam. Esta secção trata dos pontos que se supriram tais expectativas e os que as frustraram.

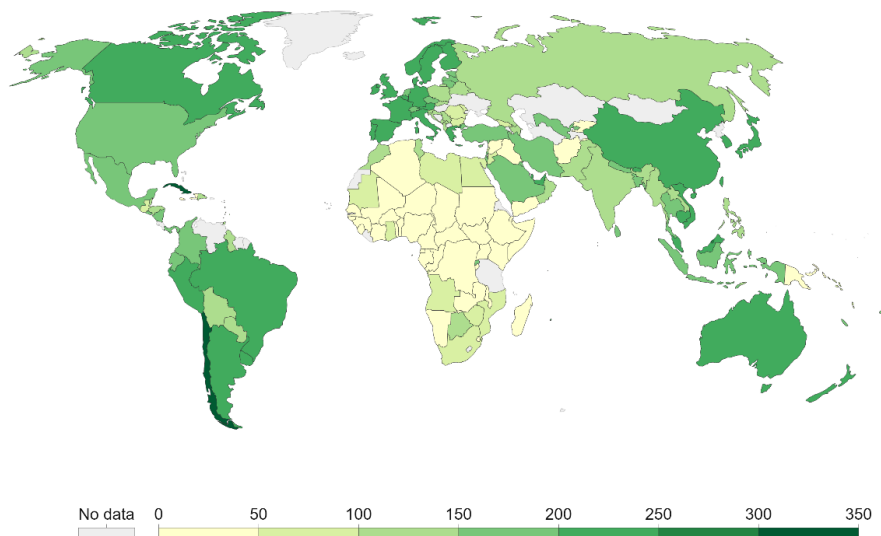
O contexto da posse do presidente democrata à Casa Branca é, embora ainda pandêmico, mais positivo quando em comparação ao ano anterior, uma vez que as pesquisas a respeito do coronavírus (mesmo com as suas variações) já se encontrava em estágio mais avançado, e especialmente, devido ao fato de que algumas versões de vacinas contra a doença já se encontravam disponíveis. Além disto, já era possível traçar um horizonte mais positivo, visto que os Estados Unidos em pouco tempo passaram a flexibilizar em vários estados as medidas protetivas, como consequência da queda do número de mortes nestas localidades.

Com uma considerável adesão popular à campanha de vacinação em massa, surge um mercado por trás do comércio de vacina, e alguns aspectos consequentes como a

desigualdade social/vacinal²⁰ (ver *Figura 03*) e uma nova disputa pelo mercado das vacinas, que a Folha de São Paulo (2021) chamou de “Diplomacia da Vacina”²¹. As *Figura 04* e *Figura 05* apontam a crescente valorização das ações das principais farmacêuticas relacionadas às patentes de tecnologias de material imunizante contra a infecção de variações do coronavírus no período sob análise.

Total COVID-19 vaccine doses administered per 100 people, Jun 26, 2022
All doses, including boosters, are counted individually.

Our World
in Data



Source: Official data collated by Our World in Data – Last updated 27 June 2022

OurWorldInData.org/coronavirus • CC BY

Figura 2-Total de doses de vacina contra COVID-19 administrada para cada 100 habitantes até 26 de junho de 2022

²⁰ Vídeo: desigualdade em vacinas pelo mundo atrasa fim da pandemia. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/12/1774612>

²¹ Diplomacia da vacina e economia viram arma de EUA e aliados contra a China. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/03/diplomacia-da-vacina-e-economia-viram-arma-de-eua-e-aliados-contra-china.shtml>



Figura 3 - Desempenho das ações de BioNtech, Pfizer e AstraZeneca nos últimos três anos



Figura 4 - Desempenho das ações de BioNtech, Pfizer e AstraZeneca nos últimos três anos

Ainda que o novo presidente dos Estados Unidos trate dos assuntos envolvendo a China com maior decoro do que seu antecessor, as disputas pelo mercado internacional ainda é fator de disputas entre as duas potências. De acordo com o artigo da Folha de São Paulo (2021), ocorreu uma reunião dos chefes de Estado do Quad²² em março de 2021, com o objetivo do planejamento a respeito da manutenção do status de rotas internacionais em regiões atualmente dominadas pela China. A justificativa para estas ações é a utilização daquelas rotas para o comércio e doação de doses de vacina para regiões mais pobres, em especial para o sudeste asiático.

²² Abreviação para Diálogo de Segurança Quadrilateral, formado por Austrália, EUA, Índia e Japão. Criado em 2007 e teve sua primeira reunião oficial em 2021.

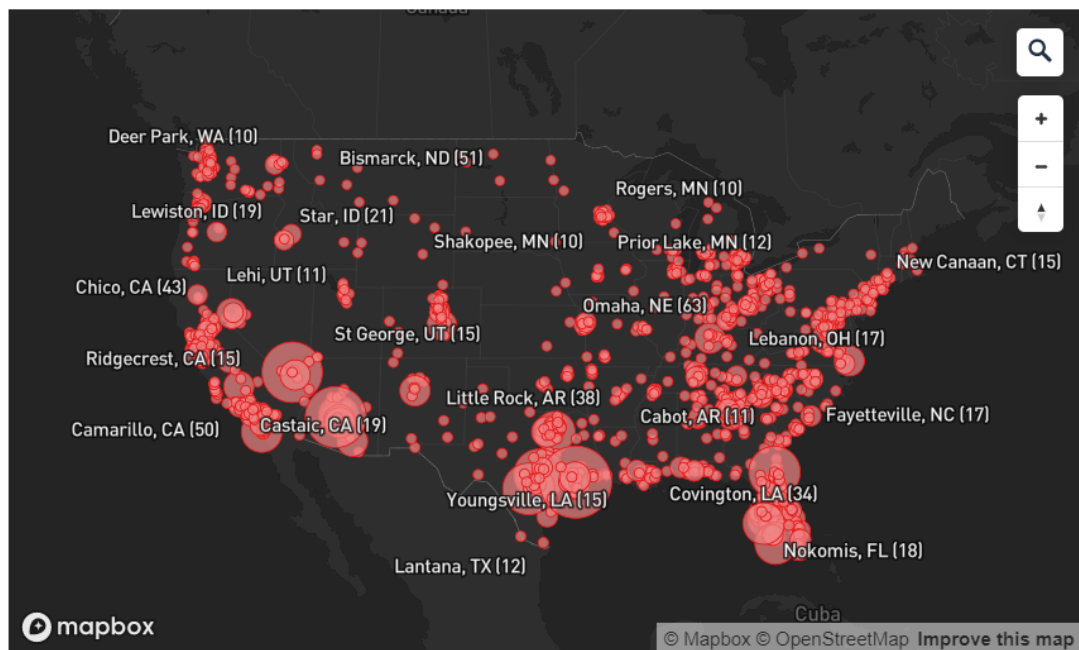


Figura 5 - Procura por Ivermectina e Hidroxicloroquina por cidade nos EUA²³. Fonte: The Intercept (2021)

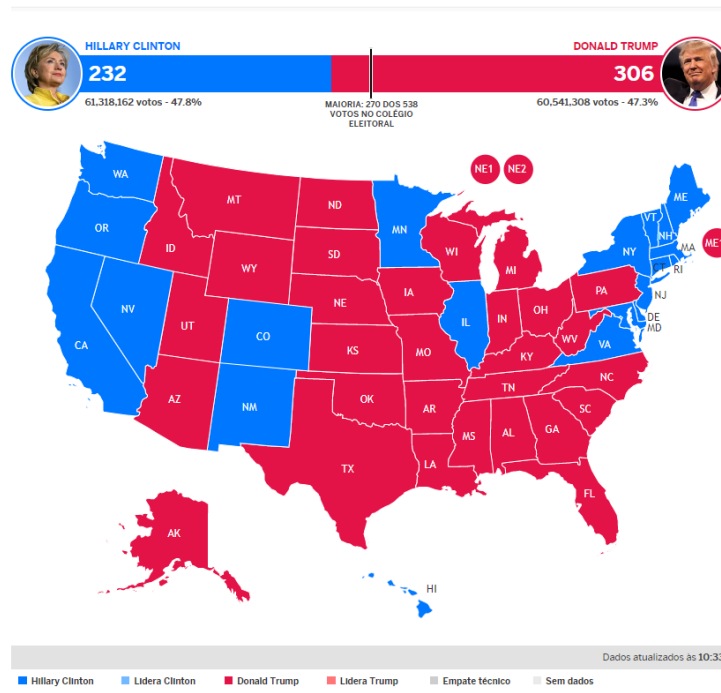


Figura 6 - Resultado da eleição presidencial de 2016. Fonte: El País (2021)

²³Nos EUA, rede de saúde de direita ganha milhões com kit covid de hidroxicloroquina e ivermectina <https://theintercept.com/2021/10/11/eua-rede-saude-direita-kit-covid/>

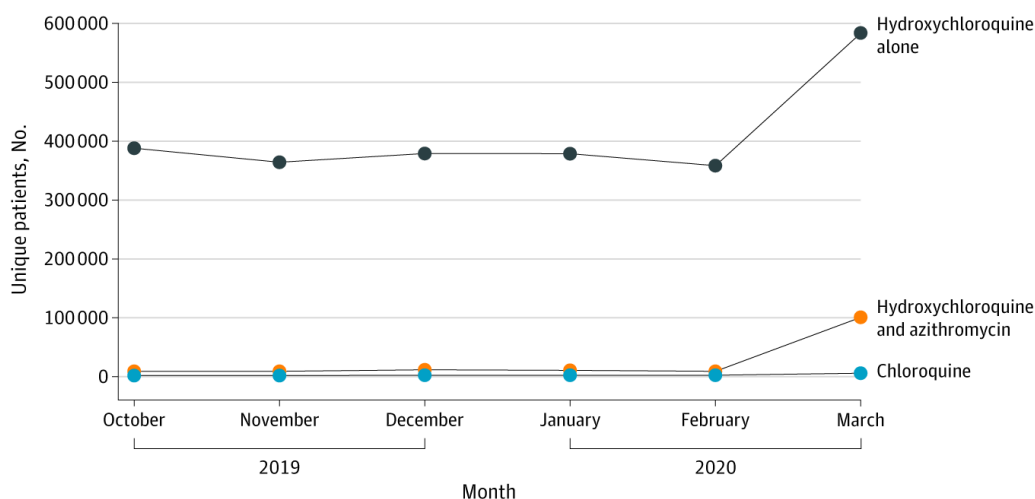


Figura 7 - Aumento na procura por fármacos pertencentes ao kit de tratamento precoce²⁴. Fonte: SHEHAB (2020)

3.2. Campanha de vacinação contra os movimentos negacionistas e antivacinas

“Os não vacinados lotam nossos hospitais, estão saturando as salas de emergência e as unidades de cuidados intensivos e não deixam espaço para alguém com ataque cardíaco, pancreatite ou câncer” (BIDEN, 2021)

Com o maior número de mortes por COVID-19 no mundo desde 20 de outubro de 2020, a gestão de combate a pandemia dos Estados Unidos, em especial no primeiro ano, pode ser um exemplo de fracasso. Conforme relatado anteriormente, a dualidade ideológico-partidária dos Estados Unidos promoveu a criação de células radicais com características negacionistas que, conforme os dados apresentados, é possível compreender que estão relacionadas ao recorde de mortes no país. Os movimentos antivacinas poderiam ter sido menos relevantes caso a administração e o próprio ex-presidente Donald Trump tivessem sido mais cautelosos quanto às declarações em um período cercado de incertezas. Ainda que os números ainda apresentem uma grande proporção de casos e mortes por infecções do coronavírus nos Estados Unidos já durante a presidência de Joe Biden, a comparação com o período anterior é relativamente satisfatória, considerando o *Gráfico 02* como parâmetro comparativo entre o período em que o republicano administrou a pandemia e o mesmo período durante a gestão do

²⁴ US Hydroxychloroquine, Chloroquine, and Azithromycin Outpatient Prescription Trends, October 2019 Through March 2020. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamainternalmedicine/fullarticle/2767895>

democrata. Entre diversas variantes, esse fator se deve muito à política combate à desinformação e a redução dos movimentos *antivax*, adotada não apenas por Biden após sua posse presidencial, mas também pelos aliados de Trump durante o período eleitoral de 2020.

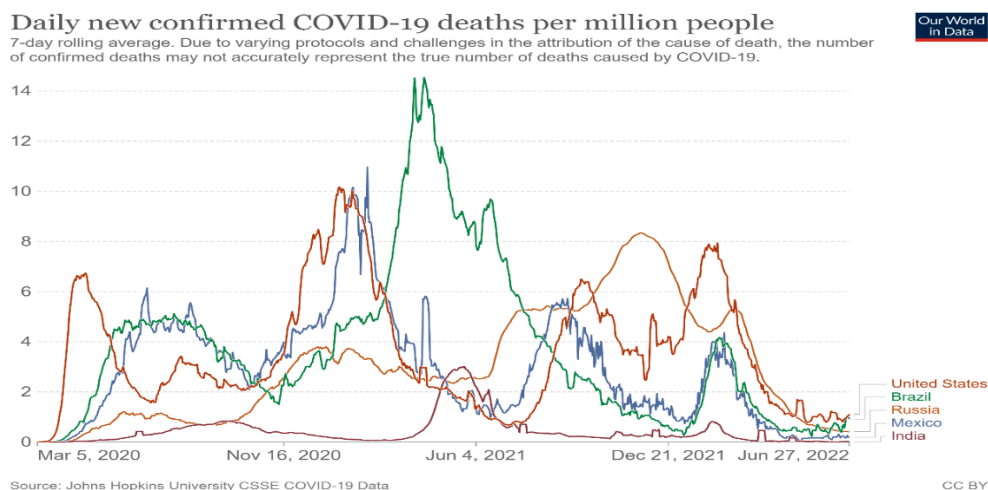


Gráfico 2 - Número de mortes diárias confirmadas por milhão de habitantes. Fonte: Our World in Data

Em setembro de 2021, como medida emergencial, Joe Biden cria a obrigatoriedade da vacinação de trabalhadores de empresas com número superior a 100 funcionários, o que é o caso de 80 milhões de estadunidenses, representando cerca de 30% da população empregada no setor privado. A resposta à obrigatoriedade foi eficaz, uma vez que um número consideravelmente baixo de funcionários deixou seus empregos por se recusarem a vacinar, como o caso de um hospital em Houston, no Texas que possui cerca de 26 mil funcionários e constatou uma baixa de apenas 156 o que representa menos de 1% do quadro de empregados. No entanto, existe contestação desta medida em análise pela Suprema Corte. (G1, 2022)

Para os funcionários federais empregados diretos pela Casa Branca, o presidente Biden deu o prazo de até 75 dias a partir da ordem executiva de setembro de 2021, sendo obrigatória a vacinação sem a opção de testagem regular. Em relação a locais de reunião de público e eventos fechados, passa a ser exigido o passaporte vacinal, sendo determinado pelo esquema vacinal completo segundo orientações da fabricante. O não cumprimento destas medidas possuem previsão de multa com valor de até 14 mil dólares americanos. (CORREIO BRAZILIENSE, 2021)

3.3. Resignificação dos vínculos com as Organizações Internacionais

O apelo de Joe Biden pelo restrito respeito às recomendações da Organização Mundial da Saúde, assim como a demonstração de intenção de abortar o plano de retirar os Estados Unidos da organização internacional aponta não somente para uma medida tomada às pressas como método de conquista da população americana e do eleitorado (visto que a estratégia de Trump havia sido fundamental para sua derrota nas eleições), nem tampouco uma medida para conter a expansão da pandemia, a contenção da crise econômico ou qualquer coisa no sentido de resolver o problema durante seu decorrer. A projeção de retorno imediato à OMS aponta o caminho traçado pelo presidente Joe Biden em relação às organizações internacionais, em contraposto ao radicalismo de seu antecessor. Neste sentido, é possível compreender por meio das informações expostas anteriormente, uma tendência à uma política mais ponderada com planejamento prévio ao tomar decisões com consequências grandes para os Estados Unidos e para o Sistema Internacional.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1. Prospecções para a reversão dos quadros prejudiciais herdados da gestão de Donald Trump

O surgimento de novas variantes pode impactar na eficácia das vacinas e dos tratamentos contra a COVID-19, o que está diretamente ligado à frequência de transmissão do vírus²⁵, portanto, no que se diz respeito à reversão da situação pandêmica, é necessário que ocorra menos contaminação e conseqüentemente menos variantes. Para tal feito, Biden terá de se mobilizar para que as pessoas se vacinem e procurar formas de reverter o legado negacionista deixado pela gestão anterior. Ademais, é fundamental a retomada do caminho da política externa deixada no legado de Barack Obama e interrompido por Trump, de forma diplomática e coordenada, uma vez que foi apresentada uma dependência para com os países emergentes asiáticos.

²⁵ Como surgem as variantes da Covid-19: entenda a diferença entre linhagens, sublinhagens e recombinantes. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgem-as-variantes-da-covid-19-entenda-a-diferenca-entre-linhagens-sublinhagens-e-recombinantes>

4.1.1. Curto prazo

No curto prazo, conforme previsto por Carvalho e Senhoras (2020), existe uma incerteza relativa relacionada aos impactos ao ciclo hegemônico como um todo, no entanto, a tendência é a confirmação da recuperação da economia global conforme as medidas de isolamento social e lockdown gradativamente passam a ser menos necessárias, como consequência do avanço do nível vacinal e do nível tecnológico para tratamento da doença, ou seja, redução de risco de mortalidade pela infecção e redução do número absoluto de infectados pelo coronavírus e suas variações. A crise do coronavírus aponta projeções de nível deflacionários ainda menores do que da Grande Depressão, apontando a possibilidade do desencadeamento de uma crise de magnitude mais severa do que a de 2008. A tendência é que o FMI e Banco Mundial sejam essenciais na lenta retomada da economia mundial, mantendo ainda que abalado o Ciclo Americano em vigência. É possível traçar um cenário onde algumas nações do Oriente, em especial China e Índia apresentem uma taxa do crescimento do PIB em um nível superior aos países ocidentais. A projeção de crescimento para Índia e China, segundo os dados do FMI (2020) era de 6% ou mais, enquanto para os Estados Unidos e Europa Ocidental era uma queda de 3% ou superior. A estimativa precede a Invasão Russa à Ucrânia em 2022²⁶ e o clima de tensão diplomático que a antecedeu, o que prejudicou o crescimento econômico no mundo todo, inclusive na Ásia, mas ainda assim, o crescimento é significativo, conforme as *Figura 09* e *Figura 10*.

²⁶ Por que a Rússia invadiu a Ucrânia: resumo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60606340>

Economic forecasts: Asia and the Pacific

(real GDP growth; percent)

	PROJECTIONS		
	2021	2022	2023
Asia	6.5	4.9	5.1
Advanced Asian economies	3.6	2.7	2.7
Australia	4.7	4.2	2.5
New Zealand	5.6	2.7	2.6
Japan	1.6	2.4	2.3
Hong Kong SAR	6.4	0.5	4.9
Korea	4.0	2.5	2.9
Taiwan Province of China	6.3	3.2	2.9
Singapore	7.6	4.0	2.9
Asian emerging market and developing economies	7.3	5.4	5.6
Bangladesh	5.0	6.4	6.7
Brunei Darussalam	-0.7	5.8	2.6
Cambodia	2.2	5.1	5.9
China	8.1	4.4	5.1
India	8.9	8.2	6.9
Indonesia	3.7	5.4	6.0
Lao P.D.R.	2.1	3.2	3.5
Malaysia	3.1	5.6	5.5
Myanmar	-17.9	1.6	3.0
Mongolia	1.4	2.0	7.0
Nepal	2.7	4.1	6.1
Philippines	5.6	6.5	6.3
Sri Lanka	3.6	2.6	2.7
Thailand	1.6	3.3	4.3
Vietnam	2.6	6.0	7.2
Pacific island countries and other small states	4.2	4.7	5.4

Source: IMF World Economic Outlook Database, April 2022.

IMF

Figura 8 – Crescimento real do PIB na Ásia e Pacífico. Fonte: FMI (2022)

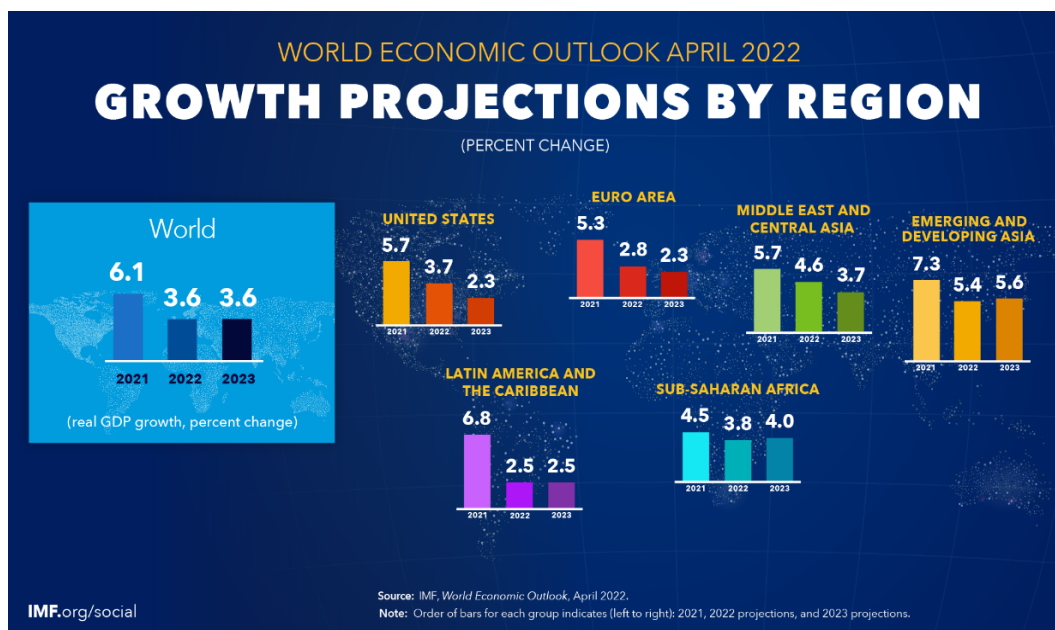


Figura 9 – Projeção do crescimento real do PIB por região. Fonte: FMI (2022)

4.1.2. Longo prazo

No longo prazo, se compreende que o fato de que Donald Trump ter sido o primeiro presidente a não ser eleito desde George H. W. Bush em 1993 apresenta uma mudança radical na forma em que os Estados Unidos devem ser conduzidos e principalmente, a forma como o país não deve ser administrada. Como mencionado no *Capítulo 3* deste estudo, o simbolismo por trás de um dos primeiros atos do presidente Joe Biden ser redigir e encaminhar à OMS uma carta solicitando o cancelamento do processo de retirada dos Estados Unidos da organização internacional, assim como o apontamento da intenção de retornar ao Acordo de Paris é evidente, o que aponta para a retomada de políticas multilaterais e uma intenção de cooperação internacional por um lado mais positivo, mas por um lado menos otimista, a política externa dos norte americanos permanece a mesma, no entanto, velada por uma representação personificada em uma imagem mais ponderada e sutil do sucessor de Donald Trump.

Uma interpretação possível da aparente mudança na agenda da política externa dos Estados Unidos é o conhecimento de que a dinâmica do mercado internacional demanda cautela, cooperação e diplomacia entre os países, de forma que foi demonstrado na prática que os países com maiores probabilidades de recuperação rápida e eficaz em tempos de crise são os asiáticos, com enfoque na China. Desta forma, as relações entre os Estados Unidos e a China têm a prospecção de se tornarem menos conflituosas, assim como com as organizações internacionais.

Ademais, o comparativo das projeções de crescimento do PIB, assim como os números atuais entre Estados Unidos e China, a divergência na estratégia de superação de crise entre ambos os países, e a corrida do desenvolvimento científico e tecnológico apontam um futuro em que cada vez mais o Ciclo Americano se encontra em situação de instabilidade e uma ruptura eminente é possível embora não haja indicação de que ocorra em curto prazo.

No longo prazo, é possível compreender como a teoria dos ciclos hegemônicos pode ser utilizada como uma ferramenta para a previsão sobre o decaimento do modelo americano em substituição ao modelo implementado pelos países asiáticos, especialmente a China. A inovação em pesquisas é um fator predominante que revela a tendência da

decadência da produção capitalista que é possivelmente a característica central do Ciclo Americano.

CONCLUSÃO

Com base no que se foi exposto anteriormente, é compreensível que desde o começo do século XXI, o Ciclo Americano definido pelo quarto ciclo hegemônico sofre ameaças ao menos uma vez por década o que tende a ser respondido com políticas conservadoras voltadas para o ambiente doméstico. A crise do coronavírus com suas características específicas e consequentemente diferentes das crises anteriores, trouxe resultados diferentes dos anteriores, uma vez que atualmente a China possui o potencial para competir com os Estados Unidos em diversas frentes, o que de certa forma pode ser sido o fator primordial para a chegada de Trump na presidência, como representação de uma maioria da população americana e seu temor de que a ameaça externa retire o status privilegiado em que o Estado americano se encontra nos últimos anos, mas também pode ter sido uma variável que impede o até então presidente de continuar sua gestão por um segundo mandato, uma vez que os danos causados na pandemia foram imensuráveis e possivelmente levarão tempo para serem revertidos. Por outro lado, a vitória de Joe Biden, não apenas nas eleições, mas na campanha pela vacinação em massa (ainda que não esteja no nível ideal) e reestruturação econômica, demonstram que o negacionismo e a *necropolítica* escancarada por seu antecessor, agora passam a ser substituídas pelo progressismo baseado na ciência e em um bem-estar social com prioridade maior do que a dada por Trump. Uma interpretação possível do conteúdo deste estudo é que o século XXI têm apresentado ameaças significativas ao status dos Estados Unidos, e a crise do coronavírus representou um impacto forte em uma estrutura que há algumas décadas seria considerada inabalável. De acordo com os dados disponibilizados pela OMS ao longo do período de pandemia e a comparação com a situação atual, levando em consideração as variáveis como percentual populacional com o esquema vacinal completo e números totais de casos confirmados e de fatalidades, é possível prever a desaceleração na situação pandêmica, de forma que, a previsão é de que as consequências pela infecção e surgimentos de novas variantes não se tornem um problema de surpreendentes proporções como ocorreu anteriormente. Os novos métodos de produção capitalistas inerentes das necessidades de adaptações provocados pela pandemia são possivelmente permanentes e sujeitos às inovações e aperfeiçoamento ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

ARRIGHI, Giovanni. **The Long Twentieth Century: Money, Power and the Origins of Our Times**. 1. ed. rev. London: Verso, 2010. 416 p. ISBN 1844673049.

BITTENCOURT, R. N. “Pandemia, isolamento social e colapso global”. **Revista Espaço Acadêmico**, vol. 19, n. 221, 2020.

CARVALHO, Patrícia Nasser de; SENHORAS, Elói Martins. The impact of COVID-19 Crisis on the Global Economy and the North American Hegemonic Cycle: a reading. **Agenda Internacional**, [S.L.], v. 27, n. 38, p. 9-28, 16 out. 2020. Sistema de Bibliotecas PUCP.
<http://dx.doi.org/10.18800/agenda.202001.001>.

CORREIO BRAZILIENSE (Brasília). **Confirma medidas tomadas por Biden para impulsionar a vacinação nos EUA**. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2021/09/4948677-confirma-medidas-tomadas-por-biden-para-impulsionar-a-vacinacao-nos-eua.html>. Acesso em: 08 maio 2022.

DORNELLES JUNIOR, Arthur Coelho. A modernização militar da China e a distribuição de poder no Leste Asiático. **Contexto Internacional**, [S.L.], v. 36, n. 1, p. 145-170, jun. 2014. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-85292014000100005>.

GILPIN, Robert. **War and Change in World Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981. ISBN 9780511664267.

G1. **Vacinação obrigatória contra Covid-19 chega ao Supremo dos EUA**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/01/07/vacinacao-obrigatoria-contracovid-19-chega-ao-supremo-dos-eua.ghtml>. Acesso em: 03 jul. 2022.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000

JACOBS, Nicholas. Federalism, Polarization, and Policy Responsibility during COVID-19: experimental and observational evidence from the united states. **Publius: The Journal of Federalism**, [S.L.], v. 51, n. 4, p. 693-719, 18 jun. 2021. Oxford University Press (OUP).
<http://dx.doi.org/10.1093/publius/pjab014>.

LUCKHURST, Roger. The Chinese Virus. *Critical Quarterly*, [S.L.], v. 62, n. 4, p. 54-62, dez. 2020. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/criq.12582>.

KISSINGER, Henry. **Diplomacia**. São Paulo: Editora Saraiva, 2012. 859 p.

MANZI, Rafael Henrique Dias. **A ORDEM ECONÔMICA INTERNACIONAL NO PÓS-GUERRA FRIA: DA TRANSIÇÃO UNIMULTIPOLAR À ACOMODAÇÃO INSTITUCIONAL DO RESTO E DO G8 EMERGENTE**. Orientador: Eduardo Viola. 2018. 315 p. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32854>. Acesso em: 28 out. 2021.

MARANHÃO, R. de A. . OS CIENTISTAS SOCIAIS NO COMBATE AO CORONAVÍRUS E CONTRA A NECROPOLÍTICA: PRIMEIRAS BATALHAS. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 01–14, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3753656. Disponível em: <http://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/126>. Acesso em: 27 out. 2021.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

MORNING CONSULT. **National Tracking Poll**. S.I, 2022. 20 p. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/01/pesquisa-ideologia-covid-EUA-janeiro-2022.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2022

Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). COVID-19 and International Trade: Issues and Actions. OECD Policy Responses to Coronavirus (COVID-19), 12 June 2020. DOI.org (Crossref), <http://doi.org/10.1787/494da2fa-en>.

OUR WORLD IN DATA. Our World in Data. *In: Annual growth of GDP per capita*. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/gdp-per-capita-growth>. Acesso em: 28 out. 2021.

PECEQUILO, C. Os Estados Unidos e o século XXI. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2012.

PIRES, Marcos Cordeiro; MATTOS, Thais Caroline Lacerda. Reflexões sobre a disputa por hegemonia entre Estados Unidos e China na perspectiva do capitalismo histórico. **Monções**, Dourados, v. 5, n. 9, p. 54-90, 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/issue/view/187>. Acesso em: 04 maio 2022.

RUTLEDGE, Paul E.. Trump, COVID-19, and the War on Expertise. **The American Review Of Public Administration**, [S.L.], v. 50, n. 6-7, p. 505-511, 15 jul. 2020. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0275074020941683>.

SENHORAS, E. M. . CORONAVÍRUS E O PAPEL DAS PANDEMIAS NA HISTÓRIA HUMANA. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 1, n. 1, p. 29–32, 2020a. DOI: 10.5281/zenodo.3760078. Disponível em: <http://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/184>. Acesso em: 27 out. 2021.

SENHORAS, E. M. . NOVO CORONAVÍRUS E SEUS IMPACTOS ECONÔMICOS NO MUNDO. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 1, n. 2, p. 39–42, 2020b. DOI: 10.5281/zenodo.3761708. Disponível em: <http://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/174>. Acesso em: 27 out. 2021.

SENHORAS, E. M. O CAMPO DE PODER DAS VACINAS NA PANDEMIA DA COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 6, n. 18, p. 110–121, 2021. DOI: 10.5281/zenodo.5009525. Disponível em: <http://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/400>. Acesso em: 27 out. 2021.

SHEHAB, Nadine; LOVEGROVE, Maribeth; BUDNITZ, Daniel S.. US Hydroxychloroquine, Chloroquine, and Azithromycin Outpatient Prescription Trends, October 2019 Through March 2020. **Jama Internal Medicine**, [S.L.], v. 180, n. 10, p. 1384, 1 out. 2020. American Medical Association (AMA). <http://dx.doi.org/10.1001/jamainternmed.2020.2594>.

THE Full Story of Trump and COVID-19. Direção de Nate Houghteling e Sarah Sherman. Produção de Nate Houghteling. Roteiro: Sarah Sherman e Seamus McKiernan. [S.I]: Now This News, 2020. Son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qOYYUkZG6b8>. Acesso em: 17 jun. 2022.

THE WHITE HOUSE (Washington D.C.). . **National COVID-19 Preparedness Plan**. Washington D.C., 2021. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/covidplan/>. Acesso em: 16 jul. 2022.

WORLD BANK. GDP (Current LCU) – Unites States, China. Total GDP 2020. World Bank Data, 2021. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CN?end=2020&locations=US-CN&start=2004&view=chart> . Acesso em: 25 out. 2021.

YAMEY, Gavin; GONSALVES, Gregg. Donald Trump: a political determinant of covid-19. **Bmj**, [S.L.], p. 1643, 24 abr. 2020. BMJ. <http://dx.doi.org/10.1136/bmj.m1643>.